

Karmanyatā

Virtude de Gurumayi Chidvilasananda para 24 de junho de 2018

Comentário de Garima Borwankar

Em todas as línguas, existem palavras tão ricas de significado que estudiosos dedicam longos períodos de tempo para destrinchar suas diferentes denotações e conotações, suas nuances e sutilezas. Eles fazem isso para obter um panorama mais completo dessas palavras e ver como seu uso pode moldar nossa perspectiva do mundo.

Gurumayi nos concedeu a virtude para 24 de junho de 2018: *karmanyatā*. É uma bela palavra, uma palavra dinâmica, multifacetada e abundante de significados. E é uma virtude incrível. É perfeita para todas as estações. É uma virtude que deveríamos manter na consciência o tempo todo, em tudo que fazemos.

Karmanyatā é a mesma palavra tanto em sânscrito quanto em hindi, e não é possível capturar plenamente seu significado em outras línguas. Refere-se ao *bhav*, postura, que se deve manter interiormente quando empenhado na ação. Quando *karmanyatā* é entendida e implementada, nossas ações brilham. As várias camadas de significados ocultos na palavra *karmanyatā* se revelam, entre elas diligência, vivacidade, força, seriedade, cuidado e lealdade.

Karmanyatā deriva da palavra sânscrita *karmanya*, que descreve aquele que realiza ações com habilidade e diligência. Muitas escrituras da Índia, tais como o *Rig Veda*, o *Atharva Veda*, o *Ishavasya Upanishad*, a *Bhagavata Purana*, a *Agni Purana* e outras explicam *karmanyatā* e a exaltam como o modo de realizar ações; elas afirmam que agir com *karmanyatā* é a única maneira de viver.

Em face disto, a palavra *karmanyatā* parece ser bem orientada para a ação. No entanto, por mais que a virtude *karmanyatā* seja evidente nas ações realizadas externamente, também se encontram, lá no fundo, muitas qualidades sutis. *Karmanyatā* inclui entusiasmo e paciência, atividade e paz, vivacidade e seriedade, vigor e doçura. Entusiasmo sem paciência pode deixar caos em seu rastro; vigor sem doçura pode ser intimidante para os outros. Para *karmanyatā* estar presente em suas ações, você deve permitir que seus significados, aparentes e sutis, aprimorem sua maneira de fazer as coisas para trazer maturidade à sua perspectiva e abordagem.

Karma — “ação” — é inerente ao universo. Existem certas ações que nós podemos achar que as praticamos instintivamente. Na verdade, essas ações talvez não sejam de fato instintivas em si mesmas. Nós aprendemos anteriormente a realizá-las e fazemos isso há tanto tempo que se tornaram um hábito; ficaram tão naturais que não requerem nenhum pensamento intencional para, a qualquer momento, levá-las adiante.

E existem ações, tanto mundanas quanto espirituais, que demandam maior atenção quando as executamos, independentemente de quantas vezes já a tenhamos feito. Embora essas ações possam se tornar parte do nosso ritmo diário e até mesmo do nosso ser, ainda precisamos ajustar o foco cada vez que as realizamos. Precisamos retornar ininterruptamente à sua intenção e propósito.

Seja você professor, chef, arquiteto ou monge, você deve preencher o dharma do seu papel nos mínimos detalhes. Você deve direcionar suas ações para alcançar o propósito do seu trabalho. *Karmanyatā*, com todos os seus inúmeros e ricos significados, é demonstrada na ação realizada com intenção e propósito. Mas não quaisquer intenções e propósitos, apenas aqueles que são benevolentes para os outros. A intenção do professor é garantir que os estudantes aprendam, absorvam e instilem em si mesmos a consciência do valor de retribuir ao mundo. O chef cozinha um prato com a intenção de que seja delicioso, nutritivo e satisfatório. O arquiteto planeja e

constrói um edifício com intenção e propósito de torná-lo um santuário para quem for habitá-lo ou nele trabalhar. O monge renuncia ao apego a posses e status mundanos, de modo a servir a Deus e à humanidade com foco total.

O que acontece quando uma ação é realizada sem o conhecimento de *karmanyatā*? Na maioria das vezes, quando realizamos ações, nós esperamos algo em troca. *Quid pro quo* é nosso princípio orientador. Independentemente de quantas vezes esse comportamento de troca nos traga problemas, continuamos recriando o mesmo cenário, seguindo o mesmo padrão. Achamos difícil sair da rotina. Aí ficamos confusos quanto ao porquê de as coisas não acontecerem do jeito que planejamos.

Nesses momentos, precisamos nos perguntar: poderia ser porque, em nossas ações, faltaria um propósito benéfico inerente ou porque não estamos pensando no bem-estar dos outros? Encontrar respostas para essas questões requer autoquestionamento e contemplação genuína.

Aqui há um ponto sutil mas significativo para compreendermos. Podemos realizar uma ação que, na aparência, parece benéfica para os outros. No entanto, se atamos a esta ação um desejo de reconhecimento, elogio ou outros frutos para nós mesmos, não estamos de fato personificando o espírito de *karmanyatā*. Por outro lado, se abordamos a ação simplesmente porque é nosso dharma realizá-la, podemos ter certeza de que abraçamos tudo o que *karmanyatā* contém em suas dobras cintilantes.

Na *Bhagavad-gita*, Lord Krishna diz:

Você tem direito ao trabalho, mas nunca ao fruto do trabalho. Você nunca deveria se empenhar numa ação por causa de recompensa, nem deveria desejar inação.¹

¹ *Bhagavad Gita* 2:47, em *The Bhagavad Gita*, apresentada e traduzida por Eknath Easwaran (Nogales, CA: Nilgiri Press, 2007).

Este ensinamento do Senhor Krishna é simples e, no entanto, abstruso. Parece que o significado paira *quase* ao seu alcance; está tentadoramente perto, mas sempre um pouco além do seu poder. No entanto, quando consegue compreendê-lo em sua inteireza, você reconhece que pode ser um farol para você e toda a humanidade.

Talvez você pense: “Apesar de este ensinamento estar cheio de imenso poder, não é muito difícil praticar?” Você pode se perguntar: “Como me manter desapegado dos frutos de minhas ações? Como realizar uma ação se não tiver imaginado o que vou obter dela? Não é um direito natural receber algo em troca?” Sim, é verdade que este ensinamento magnífico irá demandar tempo para ser compreendido e se desenvolver.

Quando o Senhor Krishna estava ensinando ao grande guerreiro Arjuna que ele não deveria ter apego aos frutos de suas ações, Arjuna também ficou confuso e desamparado. Ele era um guerreiro e, como tal, seu dharma era lutar uma guerra justa. Mas a afeição aos parentes o tinha tornado cego para o seu dharma. Ele não queria conquistar ou derrotar os inimigos. O resultado que ele buscava era *não ter* que ir à guerra com eles. Este era o fruto ao qual tinha ficado apegado, e era tentador evitar a ação correta. Pacientemente, o Senhor Krishna continuou a elucidar seu ensinamento, até que ele penetrasse o coração de Arjuna, que então compreenderia todas as suas implicações. O Senhor disse a Arjuna que ele deveria *sempre* realizar as ações que eram seu dever. Ele explicou-lhe que o propósito de suas ações era restaurar o dharma, a justiça no mundo, mesmo que significasse lutar contra seus entes queridos.

Se, de início, você não conseguir captar claramente o verdadeiro significado deste ensinamento, não desencoraje. Por ansiedade, você pode desejar alcançar de imediato o estado de desapego ao fruto de suas ações. O que demanda trabalho verdadeiro é mover-se na direção desse estado. Esta é a sua *sadhana*. Se, de início, você não conseguir se relacionar com o

verdadeiro significado do ensinamento, não desanime. Saiba sempre que o néctar do ensinamento é alcançável. O que demanda trabalho verdadeiro é refinar seu entendimento. Esta é a sua *sadhana*.

Por isto, é de extrema importância que você tenha fé de que *pode* chegar lá, *pode* começar a entender e embeber pouco a pouco a essência do ensinamento do Senhor Krishna. Ao seguir o caminho de *karmanyatā*, talvez você tenha inicialmente apenas um vislumbre da Verdade. Entretanto, como você deve saber, quando você permanece com algo — quando é firme na luta para atingir seu propósito — com o tempo você o realiza. Ele se manifesta de fato. Sua experiência da Verdade fica mais constante conforme esses vislumbres dela se acumulam.

Existe uma analogia que ilustra o que acontece quando você leva em consideração a virtude de *karmanyatā*. Um artista pode usar a técnica correta, garantindo que os ângulos, linhas, cores, texturas em seus trabalhos sigam as regras do manual de pintura ou o que ele aprendeu com seus professores. E há aqueles artistas que conhecem e aplicam as técnicas certas e sua obra de arte abraça o coração do espectador. Estimula seu cérebro. Há magia no trabalho deles.

Então, você terá uma pintura ou uma *pintura*.

Abrace *karmanyatā* em qualquer coisa que fizer. Seu relacionamento com *karmanyatā* deve ser como água e umidade, chama e luminosidade. Um não existe sem o outro.

Para concluir, eu gostaria de deixar-lhe algo que ouvi de Gurumayi e que acho que engloba perfeitamente a essência de *karmanyatā*:

“Se você estiver focado apenas em realizar ações que o façam se sentir bem consigo mesmo e em obter muito para si ao realizá-las, você está perdendo o objetivo da yoga da ação. Lembre-se: suas ações devem ser como ondas

sonoras, que reverberam quando o músico virtuoso toca um tambor, enchendo a atmosfera de música. As vibrações das suas ações devem levar benevolência para o mundo.”

Afirmção para *Karmanyatā*

Que eu mantenha a consciência de *karmanyatā* ao caminhar no campo de ações.